

Anabela de Sousa Lopes é Professora Coordenadora da Escola Superior de Comunicação Social (ESCS/IPL). Investigadora integrada do ICNOVA, tem formação em Ciências da Comunicação (Doutoramento, Mestrado e Licenciatura). Coordenou cursos de licenciatura e de mestrado na ESCS e lecionou, igualmente, na Universidade de Cabo Verde e no curso de doutoramento em Ciências da Comunicação do ISCTE. É autora de vários artigos sobre os *media* e o jornalismo e publicou dois livros: *CD Áudio-Efeitos de Singularidade e Tecnologias da Comunicação: Novas Domesticações*.

Assunção Gonçalves Duarte é doutoranda em Media Digitais na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL). O seu projeto de investigação está associado ao iNOVA Media Lab do ICNOVA e versa o tema "O GIF animado como facilitador das narrativas visuais do jornalismo digital e da cultura participativa". É licenciada em Comunicação Social pela FCSH-UNL e em Design pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Como designer gráfico de comunicação tem criado, entre outros, conteúdos para a área da Educação em Conservação Ambiental e Cidadania. Leciona unidades curriculares na área da imagem e multimédia, nomeadamente na Escola Superior de Comunicação Social.

Fátima Lopes Cardoso é doutorada em Ciências da Comunicação, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Nova de Lisboa, mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, pelo ISCTE, e licenciada em Jornalismo, pela Escola Superior de Comunicação Social (ESCS). Jornalista em vários títulos da imprensa nacional desde 1997, investigadora do ICNOVA e professora adjunta na Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa (ESCS-IPL), desde 2006 leciona unidades curriculares na área de jornalismo escrito e das linguagens visuais. É autora do livro *Jornalistas-Escritores: A Necessidade da Palavra* e da coleção de 12 livros *Os Anos de Ouro do Cinema Português*.

Jacinto Godinho é jornalista dos quadros da RTP (Rádio e Televisão de Portugal) desde 1988. Como repórter fez vários trabalhos de investigação premiados, como *Tráfico de hormonas para a carne de vaca* (1993) e *Caça aos golfinhos nos Açores* (1994). Produziu e realizou várias séries documentais, como é o caso de *Ei-los que Partem – Uma história da Emigração Portuguesa* (2006); *A PIDE Antes da PIDE* (2016); *Quando a Tropa mandou na RTP* (2017); *A Gravação Secreta da Assembleia Selvagem* (2019) e *PCP: 100 anos a resistir* (2021). Foi por duas vezes galardoado com o Prémio Gazeta do Clube de Jornalistas. Doutorado em Ciências da Comunicação pela FCSH da Universidade Nova de Lisboa, é investigador do ICNOVA e professor auxiliar do Departamento de Ciências da Comunicação da FCSH-UNL. Publicou os livros *As origens da reportagem – Imprensa* (2009) e *As origens da reportagem – Televisão* (2011).

Manuel Carvalho Coutinho é doutorado em Ciências da Comunicação, com Especialidade em Media e Jornalismo, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É autor de várias publicações, criador de conteúdos e experiente conferencista com um percurso de estudos na área de Jornalismo Literário, Media e Filosofia da Educação. Possui experiência profissional na área de investigação, recursos humanos e organização de eventos. Investigador integrado no centro de investigação CECC – Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa.

Maria José Mata é docente e foi coordenadora dos cursos de Licenciatura (2015-2017) e Mestrado (2017-2021) em Jornalismo da Escola Superior de Comunicação Social (ESCS/IPL). Investigadora integrada do ICNOVA – Instituto de Comunicação da Nova, é doutorada em Ciências da Comunicação, variante de Estudos dos Media e do Jornalismo pela FCSH-UNL e investiga e leciona nas áreas das teorias, das práticas e da deontologia do jornalismo, com particular interesse pelas questões relacionadas com as práticas e as representações jornalísticas visuais.

O Jornalismo Visual em Portugal – Contributos para uma História resulta de investigações realizadas por seis autores – Anabela de Sousa Lopes, Assunção Gonçalves Duarte, Fátima Lopes Cardoso, Jacinto Godinho, Manuel Carvalho Coutinho, Maria José Mata –, no âmbito do projeto *Para uma História do Jornalismo em Portugal*, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT-PTDC/COM-JOR/28144/2017). Como o título indica, apresenta contributos que concorrem para a história do jornalismo visual em Portugal. Organizada em quatro partes – História do Fotojornalismo nos séculos XX e XXI; História do Cinejornalismo e do Telejornalismo; A Informação Não Diária na RTP2; A Evolução da Infografia Jornalística em Portugal –, a obra convida a uma viagem no tempo que permite conhecer as principais tendências na evolução do jornalismo visual, em que se assinalam momentos históricos determinantes na produção noticiosa marcada pela fotografia, pela imagem televisiva e pela infografia.



**ANABELA DE SOUSA LOPES • ASSUNÇÃO GONÇALVES DUARTE
FÁTIMA LOPES CARDOSO • JACINTO GODINHO
MANUEL CARVALHO COUTINHO • MARIA JOSÉ MATA**

COLEÇÃO ESTUDOS E REFLEXÕES

O JORNALISMO VISUAL EM PORTUGAL

CONTRIBUTOS PARA UMA HISTÓRIA

O JORNALISMO VISUAL EM PORTUGAL: CONTRIBUTOS PARA UMA HISTÓRIA



9 789895 136784 9

 **POLITÉCNICO DE LISBOA**

**O JORNALISMO VISUAL EM PORTUGAL
– CONTRIBUTOS PARA UMA HISTÓRIA**

O JORNALISMO VISUAL EM PORTUGAL – CONTRIBUTOS PARA UMA HISTÓRIA

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto PTDC/COM-JOR/28144/2017 – Para uma história do jornalismo em Portugal.

This work is financed by national funds through FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., in the scope of the project PTDC/COM-JOR/28144/2017 – Towards a history of journalism in Portugal.



TÍTULO

O Jornalismo Visual em Portugal – contributos para uma história

AUTORES

Anabela de Sousa Lopes
Assunção Gonçalves Duarte
Fátima Lopes Cardoso
Jacinto Godinho
Manuel Carvalho Coutinho
Maria José Mata

EDITOR

Instituto Politécnico de Lisboa

DESIGN DA CAPA

Pedro Antunes
Assunção Gonçalves Duarte (fotomontagem)

EXECUÇÃO GRÁFICA

Gráfica 99

© Instituto Politécnico de Lisboa, 2022



Todos os direitos reservados

Setembro de 2022

ISBN 978-989-53678-4-9

DEP. LEGAL N.º 505 664/22

ÍNDICE

Introdução	9
-------------------------	----------

Parte I: História do Fotojornalismo nos Séculos XX e XXI

Cap.1. A fotografia na imprensa ilustrada e a lenta afirmação dos fotógrafos nas redações: da ditadura militar aos primeiros anos do Estado Novo.	17
<i>Maria José Mata e Manuel Carvalho Coutinho</i>	
Cap.2. De 25 de Abril de 1974 às primeiras décadas do novo milénio: Os últimos 40 anos da fotografia de imprensa em Portugal	69
<i>Fátima Lopes Cardoso</i>	

Parte II: História do Cinejornalismo e do Telejornalismo

Cap. 1. O jornalismo audiovisual antes da televisão.....	115
<i>Jacinto Godinho</i>	
Cap. 2. A inauguração da RTP e a primeira grande reportagem televisiva	141
<i>Jacinto Godinho</i>	
Cap. 3. O telejornalismo no tempo do Estado Novo. De 1956 a 1974	153
<i>Jacinto Godinho</i>	

Parte III: A Informação Não Diária na RTP2

Cap. 1. O nascimento de um novo canal: a informação não diária da RTP2, de 1968 a 1991	231
<i>Anabela de Sousa Lopes e Manuel Carvalho Coutinho</i>	
Cap. 2. A afirmação da identidade da RTP2: a informação não diária, de 1992 a 2010	257
<i>Anabela de Sousa Lopes e Manuel Carvalho Coutinho</i>	

Parte IV: A Evolução da Infografia Jornalística em Portugal

Cap.1. Infografia Impressa: das primeiras experiências do século XVIII à afirmação como género jornalístico no final do século XX.....	287
<i>Assunção Gonçalves Duarte</i>	
Cap.2. A Infografia Digital: de formato emblemático do jornalismo online do início do século XXI à integração nas narrativas multimodais do jornalismo digital moderno.....	339
<i>Assunção Gonçalves Duarte</i>	

A afirmação da identidade da RTP2: a informação não diária, de 1992 a 2010

Anabela de Sousa Lopes

Escola Superior de Comunicação
Social (ESCS/IPL) e ICNOVA
alopes@escs.ipl.pt
ORCID ID: 0000-0002-6587-1427
CIÊNCIA ID: 7B1B-2E0B-21BC

Manuel Carvalho Coutinho

CECC (FCH-UCP)
manueljoaocc@gmail.com
ORCID ID: 0000-0001-6562-0188
CIÊNCIA ID: 061B-4A3F-18B3

Introdução

Um dos períodos mais desafiantes para a RTP foi marcado pela entrada dos canais de televisão privados no panorama audiovisual português. Em 1992, a SIC rompe com o monopólio televisivo da RTP e, em 1993, ano de surgimento da TVI, a RTP passa a coexistir com esses dois canais privados. Assinalam-se nesse período transformações significativas na área do jornalismo televisivo: numa primeira fase pela forte presença de programas de grande informação em horário nobre, na RTP1, SIC e TVI; numa segunda fase, a partir do final dos anos 90, pelo declínio da informação semanal no *prime time* das televisões generalistas.

Claramente, a RTP1 assumiu-se como concorrente dos canais privados e entrou na luta pelas audiências a partir do início das emissões da SIC. Assim, para compreendermos a trajetória do segundo canal da RTP no período de 1992 a 2001 é necessário contextualizá-la no panorama da coexistência da RTP1, SIC e TVI.

Foi nosso propósito aferir qual o investimento realizado na investigação jornalística, que implica um tempo significativo de elaboração,

bem como meios humanos e técnicos mobilizados para um trabalho de maior profundidade, comparativamente com a produção jornalística destinada aos telejornais, por exemplo.

Interessou-nos perceber se a grelha de programas de informação do segundo canal mimetizou a oferta da RTP1, ou se foi orientada para ser uma alternativa; se a disputa pelas audiências entre a estação pública e as privadas se refletiu nas opções tomadas para o seu menu de programas de informação no *prime time*.

Assumindo uma abordagem cronológica, tal como no capítulo anterior, apresentamos uma análise que compreende dezoito anos de emissão. Para tal, realizou-se a caracterização dos programas mantendo as mesmas coordenadas principais, enunciadas no capítulo anterior: a duração, o formato, a/o jornalista que conduz o programa, a temática.

A análise continuou para além desse marco de 2001, com a aplicação dos mesmos critérios a uma fase em que a RTP2 revelou estabilidade na sua linha de programação própria, distinta da dos outros canais. Compreendemos que, ao longo do percurso agora em causa, o segundo canal consolidou o seu posicionamento como alternativa à RTP1, SIC e TVI, demarcando-se dos programas de informação do *prime time* dos três canais generalistas, essencialmente pelas temáticas escolhidas, situadas cada vez mais no campo da cultura, da ciência e das causas cívicas e ambientais.

RTP2: em busca de identidade própria

Como referimos no capítulo anterior, a produção científica sobre a televisão portuguesa tem sido expressiva, não só com enfoque na estação pública, mas também baseada em estudos comparativos que a incluem. Um desses estudos é o de Felisbela Lopes (2007), que centrou a investigação realizada no âmbito do seu doutoramento na caracterização de programas de informação semanal dos canais generalistas – RTP1, SIC e TVI –, entre 1993 e 2005. O interesse da investigadora coincide com o nosso no que se refere ao segmento temporal escolhido, aproximadamente, sob o prisma da coabitação dos três canais generalistas. Contudo, não foi contemplada a RTP2. Refere Felisbela Lopes: “Por ser um canal

com uma programação mais segmentada e dirigida a públicos minoritários, excluimos a RTP2” (Lopes, 2007, p. 20). Esta opção justifica-se pelos objetivos traçados para a sua tese de doutoramento, orientados em dois níveis, como explicou:

No primeiro, procuraremos caracterizar a informação televisiva difundida semanalmente em horário nocturno entre 1993 e 2005 e, simultaneamente, avaliar a sua evolução ao longo dos primeiros anos de coabitação da TV pública/TV privada. (...) No segundo nível, é nosso propósito conhecer com mais pormenor a esfera publica televisiva desenhada nos *plateaux* de determinados programas de informação semanal. Se do primeiro nível resulta o esboço global da oferta televisiva desse tipo de programação, no segundo nível procuraremos conhecer os actores que ocuparam as cenas mediáticas e as temáticas exploradas em programas de conversação televisiva (debates, grandes-entrevistas ou *talk shows*). (Lopes, 2007, p. 21).

Considerar a RTP2 nesse estudo comparativo seria, portanto, desadequado aos propósitos da investigação académica.

O nosso objetivo é distinto por pretendermos, numa primeira fase, captar o posicionamento da RTP2 num período conturbado, inicialmente marcado pela concorrência entre a RTP1 e os canais privados. Optámos por incluir o ano de 1992, quando se iniciam as emissões da SIC, e marcar o final dessa primeira fase em 2001, ano em que o universo televisivo português conhece outra novidade e lança novos desafios: surge o primeiro canal de notícias, a SIC Notícias.

Não são em grande número os trabalhos académicos desenvolvidos especificamente sobre o segundo canal da RTP. Assinalamos o artigo de Gabriela Borges, de 2006, realizado no âmbito do seu pós-doutoramento, “Televisão e cidadania: a participação da sociedade civil na 2:”, centrado na análise da qualidade de três programas – *Causas Comuns*, *Tudo em Família* e *Nós* –, no período de uma das reestruturações do canal, em 2003. Sobre a qualidade e relevância social dos programas analisados, conclui:

Se considerarmos a efetiva participação da sociedade civil na 2:, é possível constatar que nos três programas analisados temos a presença de diversas

instituições sociais na produção, com o fornecimento de temas, pessoal qualificado para discutir os temas propostos durante os programas e material de apoio (Borges, 2006, p. 11).

Gabriela Borges deu continuidade à investigação sobre a programação do segundo canal da RTP e no ano seguinte, em 2007, publicou “Questões de qualidade na RTP2 de Portugal: uma análise dos programas Kulto e Pica”. Nas considerações finais, a autora afirma:

Os programas Kulto e Pica mostram-se como uma “lufada de ar fresco” no panorama audiovisual português, principalmente no que diz respeito à oferta de programas dedicados ao público infanto-juvenil. Alguns aspectos positivos são dignos de nota, em especial a função exercida pelo serviço público de televisão na promoção da educação para os media. Estes dois programas mostram que é possível educar, entreter, informar e, mais que isso, capacitar as crianças e adolescentes de uma forma divertida e descontraída, mas nem por isso menos responsável (Borges, 2007, pp. 11 e 12).

Foi também sobre a programação infantojuvenil da RTP2, comparada com a do canal público espanhol La 2, que incidiu a pesquisa de Mercedes Román e Erika Fernández, e que deu origem ao artigo “Comparative analysis of television shows aimed at children and young people broadcast by the Spanish and Portuguese second public channels: La 2 and RTP2” (2012). Os resultados da pesquisa permitiram às autoras destacar que os dois canais dedicavam mais tempo a programas infantis do que a programas juvenis. Segundo a perspectiva das investigadoras, ambos deveriam reforçar a oferta de programas para jovens.

Quando se debate o serviço público de televisão, a RTP tem sobre si uma incontornável responsabilidade, observada e escrutinada por muitos investigadores. Um dos momentos em que a discussão sobre o rumo da RTP, enquanto prestador de serviço público, esteve em especial evidência respeita ao ano de 2003 (a que já aludimos), quando o segundo canal (à época, 2:) foi aberto à sociedade civil, depois de “afastada a polémica sobre o segundo serviço de programas (RTP2), que o Governo tinha admitido alienar ou mesmo encerrar” (Carvalho, 2009, p. 388).

Foi neste contexto que Helena Sousa e Manuel Pinto procuraram avaliar o grau de abertura à sociedade civil do segundo canal da RTP. Os autores sintetizaram desta forma as suas conclusões:

Em resumo, pode argumentar-se que o governo desenvolveu uma retórica de “comunicação directa” (cidadão a cidadão; sociedade civil a sociedade civil) mas, apesar de poucas dimensões interessantes, isto ainda está longe de qualquer modelo consistente. É muito provável que as assimetrias sociais sejam replicadas no canal 2: porque a “abertura participativa” não parece ser consistente com um acesso equilibrado ao novo meio. (Sousa e Pinto, 2004, p. 18).

A qualidade da oferta da RTP2 e o cumprimento dos valores de serviço público que a devem orientar foi a temática tratada por Mariana Augusto (2018), na sua dissertação de mestrado intitulada “Os conteúdos formativos nas grelhas de programação da RTP2 (2003 a 2017)”. A autora conclui que a qualidade da RTP2, nos últimos 15 anos, ficou comprometida devido a conteúdos pouco diversificados, mas que, ainda assim “se apresenta como um canal relevante na propagação de conteúdos formativos para todos os públicos e comprometido com a distribuição de cultura e conhecimento, ainda que não de forma ideal” (Augusto, 2018, p.3).

Possivelmente, por existir uma conceção da RTP2 não centrada na área da informação jornalística, a produção académica específica sobre este canal tem versado mais a difusão de outro tipo de programas, nomeadamente infantojuvenis, como percebemos pelo exposto anteriormente.

Para além da produção académica, não podemos ignorar a forma como a própria RTP tem dado a conhecer a sua história, nomeadamente no seu *site*, onde podemos consultar a obra de Vasco Hogan Teves, que trabalhou muitos anos na área de informação da RTP, alguns dos quais em cargos de chefia. Os 50 primeiros anos da RTP estão documentados com exaustividade e detalhes que suscitam o interesse de qualquer académico que estude o fenómeno televisivo português. Trata-se de “um bom exemplo de um intenso trabalho de inventariação de dados realizado fora do âmbito académico” (Godinho, 2011, p. 269). Acompanhamos, também, Felisbela Lopes, ao afirmar que essa documentação não

académica constitui “uma espécie de repositório a partir do qual poderemos iniciar um qualquer projecto de investigação” (2009, p. 11).

Destacamos um excerto da referida obra de Vasco Hogan Teves, a propósito do período em que a RTP se preparava para a concorrência:

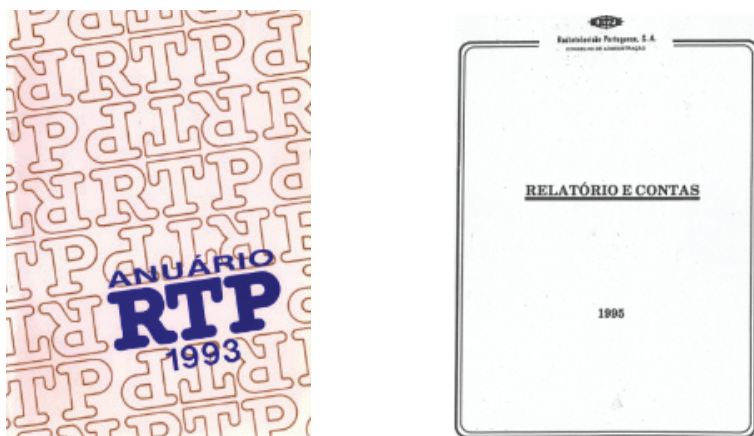
O lançamento das novas grelhas de programas para os 2 canais, um mês antes da TV privada entrar no cenário televisivo nacional (e, como pareceu natural, sob forte suporte publicitário na imprensa) motivou a RTP a pôr em marcha a sua própria campanha que, no Canal 1, apostava nas suas “caras” de ecrã (“a TV desta gente toda é igualzinha à sua / Canal 1, a TV de todos os portugueses”) e numa selecção de programas, também espraída por páginas duplas (“Canal 1 / o primeiro de sempre, melhor do que nunca”), mas onde, sobretudo, se proclamava com slogan supremo: “Canal 1 – o primeiro”. A TV2, por seu turno, assumia-se, genericamente, como “a outra TV” (“nasceu uma nova TV / e é a sua cara”) e, na sequência de anúncio – diga-se que de gosto bastante duvidoso: uma montagem fotográfica que mostrava uma mulher grávida de um ecrã de Televisão – abria janelas sobre próximos conteúdos (“atracções para todos os gostos / cultura, diversão, informação, ficção e desporto”). Isto sem dispensa de uma mensagem (ou um compromisso?) cuja oportunidade era evidente, mas não, pela certa, em relação ao canal 1: “TV2 uma TV que não entra em guerra com ninguém, pois vive em paz com toda a gente”. (Teves, 2007, *RTP: uma antena para o mundo*, p. 9).

Os registos sobre a RTP2

Vivendo-se ainda sob as várias restrições impostas pela pandemia da covid-19, durante 2020 e 2021, a estrutura inicial planeada para desenvolver este estudo sofreu limitações. Apesar de não ter sido possível a consulta presencial dos arquivos e a visualização de programas, a RTP facultou vários documentos relativos aos anos em análise deste estudo¹. Destes documentos destacam-se os *Anuários* e os *Relatórios e Contas da*

¹ Os nossos agradecimentos a Pedro Jorge Braumann e à equipa que coordena: RTP/Núcleo Museológico/Arquivo Histórico.

RTP, documentos esses que incluíam informações sobre o segundo canal da RTP e que foram extremamente úteis para perceber o desenvolvimento dos programas, audiências e políticas ao longo dos dezoito anos em análise.



Figuras 1 e 2. A título de exemplo considere-se a (esquerda) Capa do Anuário de 1993 da RTP, e (direita) Capa do Relatório e Contas da RTP de 1995.

Fonte: *Anuário da RTP – 1993, 1993, e Relatório e Contas da RTP – 1995, 1995.*

Contudo, ao analisarmos esses documentos percebemos imediatamente que seria necessário recorrer a outras fontes, pois nenhum destes documentos referia o horário em que cada programa era emitido na televisão. Lembramos que o foco deste estudo incidiu nos programas de informação do horário nobre do segundo canal da RTP, por isso era necessário ter uma ideia exata dos tempos de emissão na grelha televisiva. Após considerarmos as nossas opções, decidimos que o melhor passo seria o de consultar as revistas de programação de televisão dos anos 90 e de fotografar toda a programação diária do segundo canal a partir 1992 a 2002, inclusive.

Neste ponto da investigação, e para começar este trabalho, considerámos que uma boa opção seria a de trabalhar com o arquivo da Biblioteca Nacional, pois no seu espólio havia pelo menos três revistas possíveis a consultar: TV 7 Dias, TV Guia e TV Mais. Destas três revistas, eliminámos a TV Mais por ter começado a publicação em 1993; e entre a TV 7 Dias e a TV Guia escolhemos a primeira por ter mais números

disponíveis para consulta no arquivo da Biblioteca Nacional (ambas as revistas possuem alguns números não disponíveis e/ou ausentes no arquivo). Passámos, então, ao processo de fotografar a capa e a programação de cada exemplar desta revista semanal, que resultou em mais de quatro mil fotos que foram depois catalogadas e organizadas, sempre com o foco principal na programação do segundo canal da RTP e com o propósito de evidenciar os programas de informação conduzidos por jornalistas, emitidos no horário nobre.

Delineada a metodologia, criou-se uma grelha com diferentes parâmetros: ano; canal; nome do programa; dia da semana/hora; duração média de cada emissão; periodicidade; tempo total (por ano); jornalista(s) que conduz(em) o programa; temática e descrição/tipo de programa. Sendo o ponto orientador o ano de emissão, interessa referir que alguns dos programas incluídos na grelha possuíam mais do que uma entrada, dado que os mesmos estiveram no ar em diferentes anos. Esta repetição de cada programa nos diferentes anos permitiu-nos destacar e apontar as alterações ao longo do tempo, em particular nas secções do dia da semana/hora; duração média de cada emissão; tempo total; e jornalista (já que nem sempre foi a mesma pessoa a conduzir o programa, ao longo do seu tempo de emissão). Acresce-se que não foi possível obter informação para todos os critérios da grelha, sobre cada programa elencado. Todavia, essas lacunas não impediram o recenseamento dos programas que fizeram a história da RTP2 durante o período escolhido.

Assim, foi possível ter uma perceção global da evolução de cada programa em termos do seu horário de emissão na grelha televisiva, informação essa que conseguimos graças aos dados retirados dos exemplares da revista TV 7 Dias e que incluímos na já referida secção dia da semana/hora, da grelha Excel. Através de uma breve análise da evolução do horário de emissão de cada programa foi possível verificar, por exemplo, que um programa de horário nobre, a começar às 21 horas, terminou o seu último ano de emissão com um horário diferente: a começar às 24 horas ou à 1 hora da manhã. Esta evolução possibilitou-nos uma visão mais global e completa de cada programa. Igualmente, outro ponto interessante que assinalámos a partir da grelha foi que a partir do fim de 1996 e início de 1997, começaram a aparecer menos programas de teor jornalístico conduzidos por jornalistas no horário nobre. A ocupar o

lugar destes programas na grelha do segundo canal da RTP surgem programas com diferentes temáticas, estando a larga maioria das vezes ligados à cultura e/ou à ciência.

O posicionamento da RTP com a chegada das televisões privadas

O primeiro ano de disputa pelas audiências entre a RTP1 e a SIC – 1992 – foi marcado por programas cuja estrutura era muito idêntica, considerando-se os parâmetros que elegemos para a realização da análise. A duração média dos programas dos dois canais era de 60 minutos (entre as 22h30 e as 23h). A RTP1 apostou em programas como: *Conversa Afiada* (Joaquim Letria); *Primeira Página* (Maria Elisa, entre outros); *De Caras* (José Eduardo Moniz); *Repórteres* (Artur Albarran), com reportagem e também entrevista em estúdio. Na SIC exibia-se *O Jogo da Verdade* (Paulo Alves Guerra e Calos Magno) e *Conta Corrente* (Margarida Marante).

Com o início das emissões da TVI, em 1993, Portugal passava a contar com três canais de televisão generalistas. A RTP1 manteve os programas que tinha até essa data, mas substituiu *Primeira Página* por *A Entrevista de Maria Elisa* (pelas 20h30). Tínhamos, assim, dois grandes nomes femininos: Maria Elisa na RTP e Margarida Marante na SIC. Em 1993, a SIC passa de dois para quatro programas. Juntando *Terça à Noite* (Miguel Sousa Tavares) e *Conversas Curtas* (António Carneiro Jacinto) aos anteriores. A estação de Carnaxide iguala assim a RTP em termos numéricos, apesar de a grande aposta ser na entrevista em estúdio e não na reportagem.

A TVI estreou-se com cinco programas: *Referendo* – programa de informação em colaboração com a Universidade Católica e com a presença de convidados em estúdio, apresentado por Graça Franco. Exemplos das temáticas: aparições em Fátima, segurança nas cidades portuguesas; *Rumores* – programa de apenas 25 minutos, com reportagens variadas. Exemplos das temáticas: o segredo da sopa da pedra, superstições; *Frontal* – programa de 60 minutos sobre os factos mais marcantes da atualidade, apresentado por Paula Magalhães e Jorge Nuno Oliveira; *Olhares* – programa de 30 minutos, com entrevistas a figuras da sociedade portuguesa, apresentado por Mário de Araújo Cabral.

Artur Albarran – programa de quase 2 horas, conduzido por Artur Albarran, com debates de temas controversos e entrevistas a figuras públicas.

Como refere Traquina, sobre o ano de 1993, “é interessante notar que o peso da informação na programação prime time dos canais privados era superior à da RTP1 (13%): 23% na SIC, 14% na TVI” (Traquina, 1997, p. 66).

O ano de 1994 é ainda marcado por uma forte concorrência entre a RTP1 e a SIC. A RTP1 passa de 4 para 7 programas: *Coisas da Vida* – programa quinzenal, de 65 minutos, com reportagens, entrevistas e debates sobre histórias do quotidiano. Conduzido por Luís Pires e Cristina Branco. Exemplo de temática: comunidade africana em Lisboa; *À Luz da Lei* – programa quinzenal, de 55 minutos, sobre tribunais e leis, com a participação de três advogados. Conduzido por Rui Vasco Neto; *Prova Oral* – terá sido o programa mais marcante desse ano: “o programa de Informação não-diária sobre que recaíam atenções especiais, até pelos seus protagonistas, Maria Elisa e José Eduardo Moniz, era «Prova Oral», onde os 2 jornalistas chamavam à entrevista (ou ao debate) personalidades das mais marcantes da vida nacional”. (Teves, 2007, *Entre a mudança e a reestruturação*, p.1).

Dos nove programas da SIC, destacamos dois, posicionados claramente nesta lógica de concorrência com a RTP1, em 1994: *20 anos, 20 nomes* – programa de entrevistas conduzidas por Miguel Sousa Tavares (tinha saído da RTP) a protagonistas da história do país, dos últimos 20 anos; *O senhor que se segue* – programa com um formato novo. Paula Moura Pinheiro, Rita Blanco, Laurinda Alves e Clara Ferreira Alves entrevistavam uma personalidade em foco na vida nacional (sempre um homem).

A TVI só em 1995 fez uma aposta mais forte neste género de programas informativos, predominando a entrevista (como o programa *Protagonistas*, apresentado por Fernanda Mestrinho) e o debate (*Prós e Contras*, conduzido por Inês Serra Lopes).

Entre 1996 e 1999, a RTP1 tem três programas a destacar: *Maria Elisa* (entrevistas); *Enviado Especial* (grande reportagem, por José Manuel Barata Feyo); *Figuras de Estilo* (entrevista e debate sobre temas fraturantes, com a presença de convidados nacionais e internacionais. Apresentado por Clara Ferreira Alves e Vasco Graça Moura).

Nesse mesmo período, a SIC respondia com irreverência nos seus formatos. *A Noite da Má Língua*, conduzido por Júlia Pinheiro, terá sido o mais inovador – na presença de uma plateia participativa, eram tratados temas sociais e políticos, da atualidade, a partir de uma reportagem; *Flashback* (apresentado por Carlos Andrade); *Crossfire* (Margarida Marante e Miguel Sousa Tavares); *Grande Reportagem* (vários jornalistas); *Casos de Polícia* (Carlos Narciso, com Arrobas da Silva e Paquete de Oliveira); *Esta Semana* (Margarida Marante).

Quanto à TVI, 1996 e 1997 são anos idênticos. A reportagem marca lugar no programa *Pontos nos Is*, com Dina Soares. Em 1998 mantém-se esse programa, mas a área da informação não diária fica enfraquecida. A recuperação inicia-se em 1999, com um pendor mais popular, nos programas *Quero Justiça* (Vitor Bandarra – cidadãos indignados) e *Em Legítima Defesa* (Pedro Rolo Duarte – discussão de um tema da atualidade).

A TVI protagonizará uma mudança no panorama televisivo português, ao lançar, no ano 2000, o *Big Brother*, programa de entretenimento que lhe garante a liderança das audiências. Na informação, o investimento fica-se pelos programas *Quero Justiça* e *Especial TVI* (conduzido por Paulo Salvador. Dá-se espaço à reportagem para temáticas como a anorexia, por exemplo).

A RTP1 manteve a sua linha orientadora nos programas de informação, com *Grande Entrevista* (conduzido por Judite Sousa); *Maria Elisa*; *Grande Repórter* (grandes temas de atualidade abordados em reportagens da responsabilidade dos jornalistas da Direção de Informação da RTP).

Na SIC, Margarida Marante conduzia entrevistas a políticos portugueses no programa *Esta Semana*; *Toda a Verdade* apresentava reportagens e documentários sobre temas da atualidade; *Imagens Reais* (com Artur Albarran), exibia reportagens sobre temas insólitos.

Deste périplo pelos programas de informação do horário nobre da RTP1, SIC e TVI, extraímos como principais conclusões que de 1992 a 1995 houve uma forte concorrência entre a RTP1 e a SIC, com programas de informação de formato semelhante, enquanto a TVI ainda procurava o seu caminho. Em 1995, a SIC ultrapassou, pela primeira vez, a RTP nas audiências médias durante o dia.

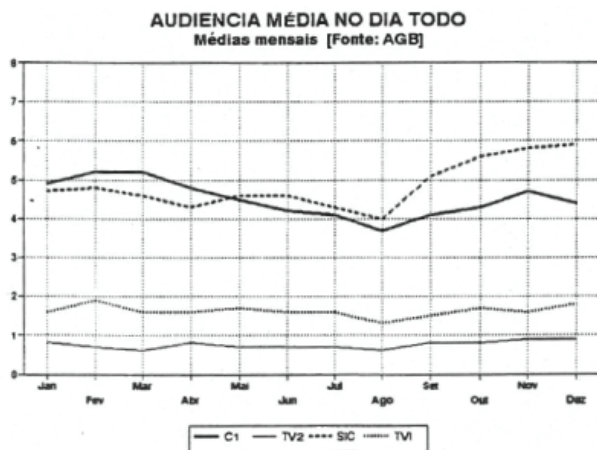


Figura 3. Gráfico de Audiência Média entre a RTP1, TV2, SIC e TVI em 1995.

Fonte: *Relatório e Contas – 1995*, 1995, p. 10.

A SIC apresentou-se com uma abordagem irreverente apostando em novos formatos informativos. Programas como *Enviado Especial* (RTP1) e *Grande Reportagem* (SIC) destacam-se pelos meios técnicos e humanos envolvidos. Na entrevista e debate, RTP1 e SIC contaram com nomes de peso – como Maria Elisa, Margarida Marante, Miguel Sousa Tavares –, emblemáticos da assunção de que era, de facto, um período de concorrência entre as duas estações televisivas. De notar que, nos dois canais, o entretenimento foi deslocando alguns programas de informação para horários mais tardios, muitos deles emitidos por volta das 23h.

A coexistência da RTP2 com os canais privados

Focando-nos no segundo canal da RTP, os resultados obtidos com a investigação realizada ao período compreendido entre 1992 e 2001/2002 permitem-nos comprovar que a atual RTP2 teve duas fases distintas.

Na primeira fase, de 1992 a 1996, o segundo canal não mudou radicalmente em termos do investimento em programas informativos conduzidos por jornalistas no horário nobre. Programas com documentários e grandes reportagens como *Sinais do Tempo* (1988-2003) continuaram

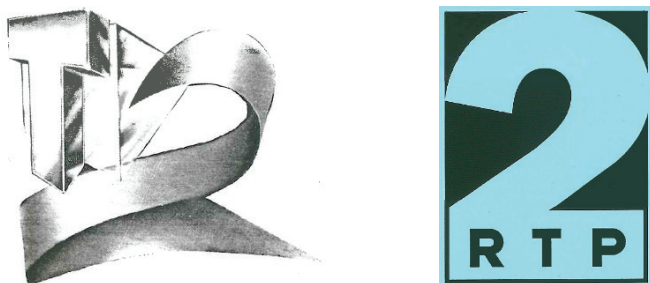


Figura 4 e 5. (esquerda) Logótipo da RTP2 utilizado no Anuário de 1992, (direita) Logótipo da RTP2 utilizado no Anuário de 1996.

Fonte: *Anuário da RTP – 1992, 1992*, p. 151 e *Anuário da RTP – 1996, 1996*, p. 94.

no ar com jornalistas como José Mensurado e Paulo Dentinho Mas, globalmente, durante este período houve uma clara aposta em novos programas. Por exemplo, surgiu o programa quinzenal *Serões na Província* (1993-1994) apresentado pelo jornalista Adriano Cerqueira, com reportagens e debates sobre os problemas de diferentes regiões nacionais; e o programa quinzenal de reportagens, entrevistas e debates chamado *Casa Comum* (1993-1994), com apresentação do jornalista Joaquim Furtado, um programa que continuou o trabalho que este jornalista já havia desenvolvido no anterior programa *Falar Claro* (1991-1992). Surgiram, igualmente, programas como *Actual Reportagem* (1994-1996), com o jornalista José Manuel Barata-Feyo a apresentar a atualidade nacional e internacional; o programa *A Semana ao Sábado* (1996-1997) com apresentação dos jornalistas José Cruz, Joana Sá Morais e Paulo Jerónimo, e comentadores em estúdio que debatiam os assuntos da semana; e o programa *Bombordo* (1996-2003, 2014-), com foco em reportagens ligadas à economia do mar e recursos da pesca. Outros programas que eram exibidos fora do *prime time* passaram a ter espaço neste horário, alternando quinzenalmente, como foi o caso do programa *Crimes* (1993-1994), com o jornalista Luís Pires a reportar casos policiais em Portugal, e o programa *Desaparecidos* (1993-1994), conduzido pelo jornalista Pedro Mariano, com reportagens e depoimentos sobre casos de pessoas desaparecidas.

A partir do fim do ano de 1996 e início de 1997, o segundo canal da RTP sofreu uma alteração ao nível do investimento em programas de



Figuras 6 e 7. (esquerda) Anúncio ao programa *Casa Comum* na *Revista TV 7 Dias* de 16 de Setembro de 1993; (direita) Anúncio ao programa *Sinais do Tempo* na *Revista TV 7 Dias* de 24 de Abril de 1996.

Fonte: *TV 7 Dias*, 1993, n. 336, p. 61 e *TV 7 Dias*, 1996, n. 473, p. 44.

informação conduzidos por jornalistas, constatando-se que a grelha televisiva deste canal mudou significativamente. O segundo canal, que era desde a sua génese um canal complementar do primeiro canal da RTP, começou a construir a sua diferença, desde logo cessando a emissão de telenovelas e de jogos de futebol e incluindo na sua grelha outras modalidades desportivas e a emissão de novos programas de teor cultural, ecológico, científico; e sempre com as minorias em consideração. Os programas conduzidos por jornalistas e ancorados em reportagens começaram a abandonar o segundo canal da RTP. De notar que em 2003 surge o terceiro canal da RTP, um canal inteiramente dedicado à informação com o nome RTPN (canal esse que viria a receber alguns dos programas da RTP2 e a assumir o seu perfil investigativo e de informação).

As alterações no segundo canal da RTP fazem-se sentir logo em 1996, ano em que terminam programas do horário nobre como *Crimes*; *Desaparecidos*; *Dinheiro em Caixa*; *Actual Reportagem*, *Vício Versa*, *A Semana ao Sábado*; entre outros. Refira-se que o ano de 1996 é o último ano em que a RTP2 atinge uma audiência média diária de 10% de share², sendo que este canal nunca mais recuperou valores similares

² Cf. Fernandes, A.P. (2000). *Televisão do Público: Um Estudo sobre a Realidade Portuguesa*, p.141. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/389>

desde então. Não podemos ignorar que estas alterações estão invariavelmente ligadas ao aparecimento da televisão privada em Portugal e à luta pelas audiências com a SIC – que em 1995 atinge a liderança ultrapassando a RTP1 –, e com a TVI, que viria a marcar o seu lugar no panorama televisivo nacional ao ultrapassar a RTP1 no ano de 2001. Outro fator que justifica esta necessidade de repensar o segundo canal da RTP e o investimento em novos programas prende-se à evolução das receitas e lucros deste canal. Em 1997, a RTP limitou a inserção de publicidade, com a RTP1 a ter “(...) apenas 7,5 minutos por hora (...)”³ e a RTP2 a eliminar a publicidade comercial da sua grelha. Todos estes factores contribuíram para a necessidade de reflectir sobre o futuro da RTP e assim, quando a 19 de dezembro de 2002 se promulga o documento *As Novas Opções para o Audiovisual*, a RTP é parte da discussão referindo-se até que esta passava na altura por uma crise de identidade.⁴



Figuras 8 e 9. (esquerda) Anúncio ao programa *Crimes* na Revista *TV 7 Dias* de 30 de Maio de 1994; (direita) Anúncio ao programa *Actual – Reportagem* na Revista *TV 7 Dias* de 24 de Novembro de 1995.

Fonte: *TV 7 Dias*, 1994, n. 373, p. 51 e *TV 7 Dias*, 1995, n. 451, p. 45.

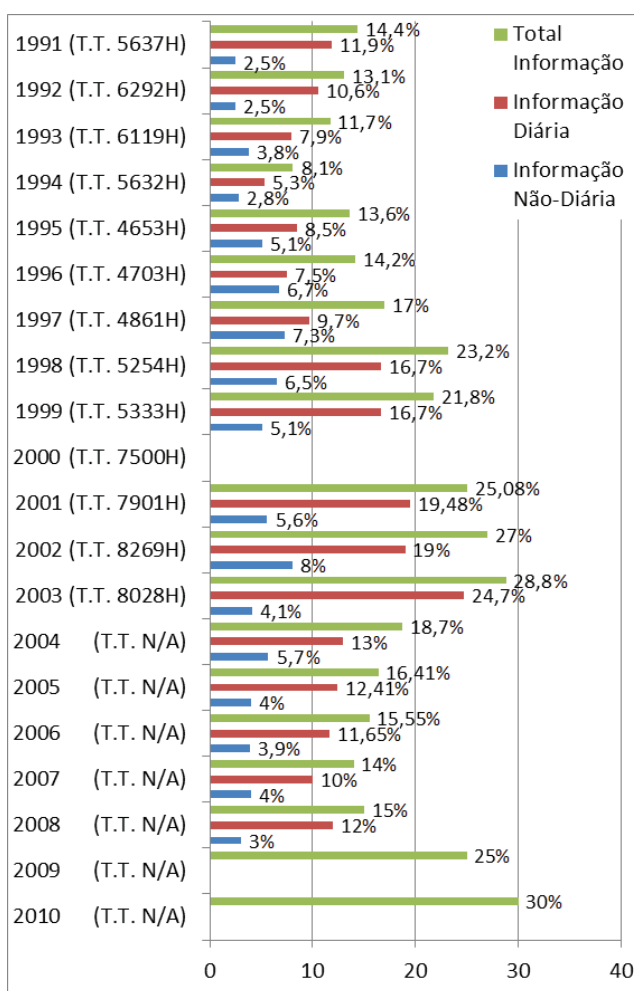
³ Relatório e Contas da RTP, 1997, p. 12.

⁴ Relatório “Novas Opções para o Audiovisual”, Presidência do Conselho de Ministros, 2002, pág. 6.

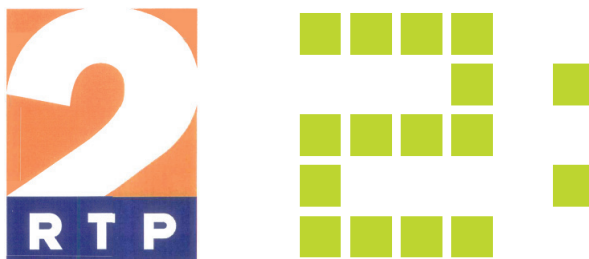
Entenda-se, contudo, que não estamos a afirmar que a RTP2, neste período de 1996 a 2002, abandonou por completo a emissão de informação na sua grelha televisiva. O gráfico que apresentamos de seguida permite-nos uma leitura mais clara da evolução da informação diária e não diária na RTP2:

Gráfico 1. Tempo Total de Emissão (T.T.), Total Informação (soma das percentagens de informação diária e não-diária), Informação Diária e Informação Não-Diária, de 1991 a 2010 na RTP2.

Fonte: Elaboração própria com dados recolhidos dos Anuários da RTP, de 1991 a 2010.



Note-se que por informação diária referimo-nos ao telejornal e a outros programas diários informativos na grelha da RTP2 e que por informação não diária, como o próprio nome indica, referimo-nos aos programas informativos emitidos de forma irregular ou com periodicidade quinzenal, maioritariamente. Igualmente, é importante esclarecer que os programas de informação não são sempre programas de teor jornalístico e/ou de reportagem, incluindo-se nestas horas de emissão outro tipo de programas (como por exemplo, programas de meteorologia ou de temas ligados à divulgação cultural). Através desse gráfico é possível perceber que, de facto, a RTP2, durante o período de análise para este estudo, nunca deixou de dedicar uma larga parte do seu horário à informação diária e não diária na sua grelha de programas (embora não tenhamos dados sobre o ano 2000). Aliás, como é possível distinguir ao observar o gráfico, o tempo dedicado a este tipo de informação subiu consideravelmente de 1996 em diante. Curiosamente, e como explicámos anteriormente, o tempo dedicado à informação não diária durante este período deixou de ser centrado essencialmente em conteúdos conduzidos por jornalistas e com um investimento em reportagens de investigação, havendo mais tempo dedicado a programas de teor cultural ou científico. Um olhar mais atento obriga-nos a esclarecer alguns pontos para perceber as suas alterações ao longo do tempo. Em 1998, por exemplo, o tempo dedicado à informação diária quase duplicou, comparativamente ao ano anterior; note-se que das 879 horas de emissão cerca de 330 horas foram dedicadas inteiramente à cobertura da Expo98 (logo, o salto não foi necessariamente de 473 horas para 879, mas antes para 549 horas). Já no ano de 1999 há um claro aumento de horas de emissão dedicadas à informação diária. Sublinhe-se que neste ano o Telejornal e o Jornal de Fim-de-semana da RTP2 duplicaram o seu tempo de emissão comparativamente aos anos anteriores. Outro ponto curioso é o facto de no ano de 2001 o tempo dedicado à informação diária ter subido significativamente. Efetivamente, neste ano a RTP2 foi o canal português de televisão que passou mais informação, com um total anual de 1539 horas de informação diária e 446 de informação não diária. Contudo, temos de ter em conta que nesse ano o programa *Euronews* – na grelha da RTP2 –, passou de 30 horas de emissão em 1999 para 713 horas em 2001 (praticamente metade do tempo total dedicado à informação diária na RTP2 desse ano).



Figuras 10 e 11. (esquerda) Logótipo da RTP2 utilizado no Anuário de 1997; (direita) Logótipo da RTP2 utilizado no Anuário de 2003.

Fonte: *Anuário da RTP – 1997*, 1997, p. 101 e *Anuário da RTP – 2003*, 2003, p. 1.

O que podemos concluir é que a RTP2 continuou a dedicar-se à informação neste período, ainda que não necessariamente através de programas de origem nacional ou através de programas informativos alicerçados em reportagens, conduzidos por jornalistas. Com efeito, as produções nacionais de cariz informativo neste canal alteraram-se, tendo sido dado, como referido, maior destaque a programas de cariz cultural e científico.

A entrada nos anos 2000

A informação emitida de modo contínuo na SIC Notícias (a partir de 2001) e na RTPN (a partir de 2003) não constituiu concorrência à RTP2, nem desafiou o canal a mudar de rumo, uma vez que a sua identidade se consolidou no terreno dos programas de cariz cultural e científico, predominantemente. De facto, durante este período a RTP2 continuou a sua aposta em programas como *Acontece* (emitido de 1994 a 2003) “o único jornal diário de cultura existente no mundo” (*Anuário 2001*, 2001, p. 23), que marcou a história da televisão pública pelo seu carácter inovador e pela presença diária, em horário nobre nos ecrãs portugueses, de assuntos da cultura e das artes. Carlos Pinto Coelho, seu autor, terminava cada emissão com a frase “E assim acontece”.⁵

⁵ Sobre o desaparecimento deste espaço diário, ver a notícia do Público: <https://www.publico.pt/2003/07/26/portugal/noticia/programa-acontece-vai-mesmo-desaparecer-da-rtp2-1158796>

Não podemos deixar de referir outro programa diário que, neste caso, ilustra a abertura do canal à sociedade civil. Precisamente com esse nome, que se mantém até ao presente, *Sociedade Civil* apresentou-se com um formato novo na televisão portuguesa. Pode ler-se no *site* da RTP o descritivo da primeira fase do programa (2006-2011)⁶:

Sociedade Civil traz-lhe gente que se dedica a melhorar a nossa vida, pessoas de mais de 60 organizações mobilizadas para Soluções nas mais diversas áreas. De 2.ª a 6.ªfeira, em directo, Sociedade Civil traz-lhe gente que se dedica a melhorar a nossa vida, cidadãos com uma larga experiência na resolução de problemas, pessoas de mais de 60 organizações mobilizadas para Soluções nas mais diversas áreas. Fernanda Freitas modera as participações dos vários Parceiros em cada emissão. Sociedade Civil será servido por uma equipa reforçada de jornalistas, por uma média de quatro peças por programa e, acima de tudo, pela especialização e experiência dos Parceiros. Os temas de Sociedade Civil serão agendados de acordo com as áreas de competência dos Parceiros e com a actualidade nacional e internacional.

A abertura do segundo canal da RTP a entidades da sociedade civil inicia-se em 2003, o que terá justificado o fim de três programas emblemáticos da RTP2: *Sinais do Tempo* (no ar desde 1988), *Lugar da História* e *Bombordo* (ambos emitidos desde 1996). Sublinhe-se que a evolução destes três programas na grelha da RTP2 é, de certa forma, uma indicação da mudança de paradigma neste canal e uma mudança de prioridades. Veja-se que o programa *Sinais do Tempo*, que começou a ser emitido em 1988, das 21h55 até às 22h55, passando depois para o período das 22h45 às 23h45, em 1998; e nos seus últimos anos de emissão foi emitido das 23h40 até às 00h40, claramente abandonando o prime time. Já o programa *O Lugar da História* começou a ser emitido das 22h10 até às 23h, passando depois progressivamente para o horário das 23h-00h. Por fim, o programa *Bombordo* foi alterando o seu espaço na grelha, tendo os seus episódios de 30 minutos sido emitidos em vários horários ao longo dos anos: 19h, 20h30, 21h, chegando a ir para o ar às 22h15. Obviamente, ao serem retirados estes programas, uma parte significativa

⁶ V. <https://www.rtp.pt/programa/tv/p21745>

de reportagens e documentários produzidos em Portugal e no estrangeiro deixa de ter tempo de antena⁷.



Figuras 12 e 13. (esquerda) Anúncio ao programa *Bombordo* na *Revista TV 7 Dias* de 10 de 24 de Janeiro de 1999; (direita) Anúncio ao programa *O Lugar da História* na *Revista TV 7 Dias* de 10 de Julho de 1999.

Fonte: *TV 7 Dias*, 1999, n. 618, p. 51 e *TV 7 Dias*, 1999, n. 642, p. 47.

Em 2004, ano em que o canal passou a designar-se por:2 (até 2007), a programação refletia o posicionamento definido por Nuno Morais Sarmiento (ministro do Governo de Durão Barroso e responsável pelo sector do audiovisual português), e posto em prática pela administração de Almerindo Marques – a cultura e a sociedade civil passaram a ser centrais no desenho da programação do segundo canal. Assim, os programas de teor ambiental, como *Bombordo* (1996-2004; anos seguintes desfazados)⁸, *Planeta Azul* (2001-2004, apresentado por Sílvia Alves), cederam o seu lugar a *Biosfera* (emitido até ao presente), um magazine semanal de ambiente com enfoque na sustentabilidade no território nacional, que era apresentado por Maria Grego, todos os sábados, pelas 20h30, com

⁷ O jornal Público deu a notícia dessa decisão, com o título *RTP2 acaba com programas de informação*. V. <https://www.publico.pt/2003/07/09/portugal/noticia/rtp2-acaba-com-programas-de-informacao-1156359>

⁸ Note-se que este programa conheceu períodos de interrupção na sua transmissão, ao longo dos anos, e 2021 foi, à data, o ano da emissão mais recente. V. <https://www.rtp.pt/play/p5794/bombordo-vida-das-berlengas>

duração de 25 minutos. Aos domingos, pelas 22h30, seria a cultura a ocupar o espaço televisivo do horário nobre da RTP2, com o programa *Câmara Clara* (2006-2012), conduzido por Paula Moura Pinheiro, durante 60 minutos. A reportagem e a entrevista estavam presentes no diálogo que a jornalista ia desenvolvendo com os seus protagonistas, como pintores, músicos, cineastas, encenadores, mas também cientistas e historiadores. Lançado também em 2006, *Eurodeputados* é um dos programas da RTP2 com maior longevidade, ainda no ar, aos sábados, durante 30 minutos, sempre com moderação de Fernanda Gabriel. Pode ler-se na página do canal: “Os Eurodeputados, dos diferentes partidos políticos representados no Parlamento Europeu, a partir da sede em Estrasburgo abordam, semanalmente, as grandes questões que preocupam os Europeus, entre os quais evidentemente os portugueses”.⁹



Figuras 14 e 15. (esquerda) Maria Grego no programa *Biosfera*, episódio “O Jardim Botânico da Universidade de Lisboa”, emitido na RTP2 a 10 de Julho de 2012; (direita) Paula Moura Pinheiro no programa *Câmara Clara*, episódio “Paulo Varela Gomes e Abel Barros Batista”, emitido na RTP2 a 2 de Junho de 2006.

Fonte: RTP Arquivos.

Durante o período de 2004 a 2009, outros programas sobre a atualidade política, e não só, habitaram o segundo canal. É o caso de *Diga lá Excelência* (2004-2006), programa de entrevistas em estúdio a diversas personalidades, conduzidas por jornalistas da Rádio Renascença e do jornal *Público*, como Raquel Abecasis, Graça Franco, Marina Pimentel, Paulo Magalhães, entre outros. A abertura a jornalistas exteriores ao

⁹ V. <https://www.rtp.pt/programa/tv/p41783> O programa, classificado como informação especializada, é igualmente emitido na RTP3 e na RTP Internacional.

canal estendeu-se a outros dois programas: *Clube de Jornalistas* (2004 a 2009), quinzenal, com duração de 50 minutos. Em estúdio estavam o “pivot” e três convidados que analisavam o tratamento dado pelos *media* nacionais e internacionais a grandes acontecimentos; *Clube de Imprensa* (2006-2009, mas com um passado na década de 80). A moderação cabia à jornalista Maria Elisa Domingues, num formato com cerca de 1h30m, estando em destaque grandes temas contemporâneos, “com depoimentos de personalidades conexas com as propostas em análise”.¹⁰



Figuras 16 e 17. (esquerda) Maria Elisa Domingues no programa *Clube de Imprensa*, episódio “A Nova Europa”, emitido na RTP2 a 27 de Maio de 2009; (direita) Fernanda Gabriel no programa *Eurodeputados*, episódio “Combate à Violência Contra as Mulheres e a Pobreza Infantil”, emitido na RTP2 a 29 de Dezembro de 2015.

Fonte: RTP Play e RTP Arquivos.

Conclusões

Como se percebeu ao longo deste estudo, o percurso da atual RTP2 conheceu direções e opções programáticas diversas. O período aqui em causa foi particularmente desafiante. Em 1992, perante o aparecimento da televisão privada no panorama nacional (SIC em outubro de 1992 e TVI em fevereiro de 1993), o Canal 2 sofre uma nova mudança e orientação. Mais uma vez acompanhada de uma alteração de nome, de Canal 2 para TV2, este canal ganha um novo slogan: “A Outra TV”. Numa primeira fase, a sua remodelação parece ser uma tentativa de competir diretamente com a televisão privada em Portugal, isto porque o conjunto

¹⁰ V. <https://www.rtp.pt/programa/tv/p21746>

dos seus programas se mantinha alinhado com a orientação da RTP1. Gradualmente, foi destoando da programação dos outros canais, ao retirar da sua grelha a transmissão dos programas de entretenimento com maiores audiências – jogos de futebol e telenovelas – e começou a centrar-se mais em programas ligados à cultura, artes, público infantil, minorias, documentários e outras modalidades desportivas que não o futebol.

Esta nova identidade demoraria, contudo, algum tempo a afetar significativamente a programação do segundo canal; nos primeiros anos da competição televisiva o investimento em novos conteúdos de informação continuaria com o aparecimento de programas como: *Frente a Frente* (1992-93), com duas personalidades da vida pública num debate liderado por Adriano Cerqueira; *Fogo Cruzado* (1992-1995), programa de debate entre dois convidados, conduzido por Miguel Lemos; *Serões na Província* (1993-94), com debates e reportagens sobre regiões portuguesas, de Adriano Cerqueira; *Casa Comum* (1993-94), programa sobre a actualidade nacional e internacional, conduzido por Joaquim Furtado; *Actual Reportagem* (1994-96), de José Manuel Barata-Feyo.

Em 1996, após este investimento na informação e numa tentativa de reflectir sobre esta nova vida do segundo canal da RTP, o *Relatório e Contas* desse ano parece anunciar um sucesso, notando que o canal “(...) cresceu significativamente, mercê do facto do seu *share* de audiência ser bastante superior ao seu *share* de investimento publicitário. Assim, o crescimento registado, em relação a 1995, foi de 102%” (*Relatório e Contas – 1996*, 1996, p. 18). Contudo, importa notar que este elogio no crescimento deste canal tem uma vertente claramente apoiada na ideia de investimento e retorno e não contém necessariamente um foco na audiência. A verdade é que o público-alvo se contraiu consideravelmente neste período dos primeiros anos da televisão privada em Portugal, sendo o ano de 1996 o último em que o segundo canal atingiu um *share* de 10% de audiência média diária¹¹. E se o argumento prévio do investimento publicitário *versus* o público podia fazer sentido até à data, a verdade é que deixaria de fazer sentido nos anos seguintes, uma vez que

¹¹ Neste ponto veja-se Fernandes, A., 2000, pp. 140-141. Igualmente, sobre a evolução do *share* da RTP2 durante este período, veja-se os *Relatórios e Contas da RTP* de 1995 a 1999.

já não conta com a publicidade nas suas emissões, abandonando assim o lucro da sua componente comercial.

Assim, em 1996, a TV2, que recuperou nesse ano o nome de RTP2, começou por fim a alterar-se de forma significativa e a assumir esse papel de um canal virado para a cultura e para as minorias, com o estatuto de uma real alternativa no panorama televisivo da época. Nesse ano de 1996, a RTP2 terminou muitos dos programas de informação não-diária na sua grelha, continuando este investimento de forma mais reduzida com apenas dois programas: *A Semana ao Sábado* (1996-97) que teve como comentadores José Cruz, Joana Sá Morais e Paulo Jerónimo; e *Zoom* (1998-2000) com reportagens apresentadas por Vasco Matos Pinto. Em face desta nova identidade surgem programas ligados à ciência, como por exemplo *Rumo à Lua* (1996) com apresentação de Clara Pinto Correia, e ligados à economia, como *O Dinheiro nunca Dorme* (1996) com Marina Ramos e Nicolau Santos. Foi também neste período que surgiram programas de maior longevidade e que notoriamente marcaram o novo rosto da RTP2, como foi o caso de *O Lugar da História* (1996-2003), com Fátima Campos Ferreira, centrado em temas de história e cultura, com recurso a reportagens, e *Bombordo* (1996-2004) com informação e reportagens dedicadas a temas relacionados com o mar. De notar que estes programas tiveram sete e oito anos de emissão respetivamente, algo pouco comum quando comparado com os restantes programas de informação não diária mencionados, o que pode ser interpretado como um sinal desse novo investimento na RTP2 e no tipo de programação que se ambicionava para a nova grelha.

Ainda que seja claro que a RTP2 abandonou lentamente, neste período da segunda metade da década de 1990 e início do novo milénio, o seu investimento em programas de informação não diária, a verdade é que nem por isso o canal, nesta fase, deixou de contemplar espaços de informação. De facto, é de salientar que o *Anuário da RTP* de 2001, renomeado para *Planeta RTP*, aponta nesse ano que: “(...) a RTP2 é o canal português de televisão que mais informação emitiu em 2001: nada menos do que 2.683 horas, ou seja, 33,96% da sua emissão global.” A razão, contudo, é atribuída às emissões do programa da *Euronews*, que desde 1994 passava na RTP2 sempre entre 30 e 70 horas de emissão anual, mas que no ano de 2001 sobem consideravelmente, como o próprio

anuário indica, notando: “Há porem uma razão especial para que assim tivesse acontecido: grande parte do «bolo» informativo da «2» (713 horas) ficou a dever-se ao *Euronews*, que apenas transmite em língua portuguesa graças à RTP” (*Planeta RTP – 2001, 2001*, p. 23). Não sendo as transmissões da *Euronews* de origem nacional, é de notar que, ainda assim, o largo espaço dado a este programa espelha o objetivo da RTP2 de passar conteúdos informativos, apesar de esses conteúdos não representarem, para todos os efeitos, um investimento em produções nacionais alicerçadas no trabalho de jornalistas portugueses.

No fim de 2002, contudo, quando se promulgou o documento *As Novas opções para o Audiovisual*, antecipou-se mais uma revolução para o segundo canal já que a RTP ocupava grande parte da discussão, referindo-se que esta passava na altura por uma crise de identidade e que era necessário por isso refletir sobre o seu futuro (*Relatório “Novas Opções para o Audiovisual”*, 2002, p. 6). Aliás, terminou neste período a polémica sobre a alienação ou mesmo encerramento do segundo canal. Em resposta, a RTP2 reforçou a sua oferta de conteúdos para os públicos mais jovens, bem como de programas ligados à cultura e à ciência, tornando-se de facto um canal virado para as minorias. E, como vinha sendo habitual com as restantes transformações no canal, mudou também o seu nome, desta vez para 2., nome que mantém de 2004 a 2007, voltando depois para RTP2, a sua designação mais conhecida. Reforçou-se também neste período o aparecimento de novos programas de informação dedicados a temas científicos e culturais, como a série documental *O Planeta Azul* (2003-04), com apresentação de Sílvia Alves, dedicada a temas de ecologia e ambiente; o magazine semanal *Biosfera* (2006-), sobre ambiente para caminhos sustentáveis, apresentado por Maria Grego; o programa de debates sobre a atualidade cultural *Câmara Clara* (2006-2012), com Paula Moura Pinheiro. Para além deste âmbito da cultura e da ciência, outros programas – focados no jornalismo, na política, e na cidadania –, não ficaram fora da grelha televisiva. Foi o caso de *Clube de Jornalistas* (2004-09), o programa sobre os *media* nacionais e internacionais; *Eurodeputados* (2006-) sobre os grandes temas da Europa, com apresentação de Fernanda Gabriel; *Sociedade Civil* (2006-) apresentado por Fernanda Freitas e depois por Luís Castro.

Numa perspetiva geral, e como fomos testemunhando, a RTP2 tem tido sempre, ao longo da sua existência, asseverado a presença de programas de informação não diária, sendo muitos deles programas de debate, conduzidos por jornalistas. Ainda assim, importa relevar que se durante muito tempo fazia sentido pensar no segundo canal como uma fonte de informação jornalística, no século XXI essa componente não se configura como prioritária. Efetivamente, com o aparecimento do canal RTPN, em 2004, e a sua programação própria de 24 horas por dia a partir de 2008, essa importante voz e responsabilidade jornalística que a RTP2 teve ao longo do seu percurso passou, em larga medida, para esse novo canal. A RTP2 abriu espaço às chamadas minorias (religiosas, étnicas, culturais, etc.) e constitui-se como uma alternativa aos canais privados no campo da programação infantojuvenil. Também os temas culturais e científicos, para além do desporto, que não o futebol, encontraram lugar neste segundo canal da RTP.

A rota escolhida para a RTP2 retirou este canal da concorrência vivida nos primeiros anos da década de 90 no campo televisivo português, o que lhe permitiu afirmar a sua singularidade, sendo que os programas de informação com reportagem, entrevista e debate – que assinalámos, especialmente no confronto entre a RTP1 e a SIC – cedem lugar a outros formatos, nomeadamente ao documentário.

Os dez primeiros anos deste século trouxeram à RTP2 a consolidação da sua identidade, que não se afirmou pela produção de programas de grande informação – presentes em meados dos anos 90, como vimos –, mas por uma grelha televisiva em que a informação é oferecida com formatos e temáticas menos presentes (e até ausentes!) nos restantes canais televisivos portugueses. Assinale-se, ainda, a forte presença feminina na condução dos programas do período analisado, situação bem diferente da que se observou até finais dos anos 90. Considerando a sua longevidade na RTP2, destacam-se: no ambiente, Maria Grego; na área da política, Fernanda Gabriel e Maria Elisa Domingues; na cultura, Paula Moura Pinheiro.

Apesar de o período analisado não ir além de 2010, podemos afirmar que o século XXI tem sido marcado pela manutenção desta identidade alternativa da RTP2, que certamente continuará a merecer a atenção de quem se interessa pela história da televisão portuguesa.

Bibliografia

- Augusto, M. (2018). *Os conteúdos formativos nas grelhas de programação da RTP2 (2003 a 2017)*. Tese de mestrado apresentada à Universidade Católica Portuguesa. [Online]. Consultada a 16 de novembro de 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.14/27578>
- Borges, G. (2006). *Televisão e cidadania: a participação da sociedade civil na 2: portuguesa*. [Online]. Consultado a 15 de novembro de 2020. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/borges-gabriela-televisao-e-cidadania.pdf>
- Borges, G. (2007). *Questões de qualidade na RTP2 de Portugal: uma análise dos programas Kulto e Pica*. [Online]. Consultado a 20 de novembro de 2020. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/borges-gabriela-questoes-qualidade-rtp2.pdf>
- Cádima, F. R. (1999). *Desafios dos novos media, a nova ordem política e comunicacional*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Cádima, F. R. (2010). *Televisão, Cidadania e «História Única». Uma Análise da Bibliografia Portuguesa Sobre o Jornalismo Televisivo em Portugal*. [Online]. Consultado a 3 de novembro de 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277711854_Televisao_Cidadania_e_Historia_Unica_Uma_Analise_da_Bibliografia_Portuguesa_Sobre_o_Jornalismo_Televisivo_em_Portugal/stats#fullTextFileContent
- Carvalho, A. A. (2009). *A RTP e o Serviço Público de Televisão*. Lisboa: Almedina.
- Fernandes, A. P. (2000). *Televisão do Público: Um Estudo sobre a Realidade Portuguesa*. [Online]. Consultado a 31 de outubro de 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/389>
- Godinho, J. (2011). Estado da Arte da Investigação sobre Jornalismo Televisivo. *Alicerces*. Lisboa: Edições Colibri / Instituto Politécnico de Lisboa, 267-276. https://www.ipl.pt/sites/default/files/alicerces_4.pdf
- Godinho, J. (2009). *As Origens da Reportagem*. Lisboa: Horizonte.
- Lopes, A. S. & Coutinho, M. C. (2021). Os programas de informação no segundo canal da RTP: de 1992 a 2001. ICNOVA. <https://colecioicnova.fcsh.unl.pt/index.php/icnova/article/view/27/12>
- Lopes, F. (2007). *A TV das elites: estudo dos programas de informação semanal dos canais generalistas: 1993–2005*. Consultado a 3 de novembro de 2020. [Online]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/41122>
- Lopes, F. (2009). Estudos Televisivos: Perspectivas Diacrónicas. *Comunicação e Sociedade*, vol. 15, 2009, pp. 7-27. Consultado a 3 de novembro de 2020. [Online]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/59942>

- Pinto, M. (coord.) (2005). *Televisão e Cidadania. Contributos para o debate sobre o serviço público*. Consultado a 3 de novembro de 2020. [Online]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/41881>
- Román, M. & Fernández E. (2012). Comparative analysis of television shows aimed at children and young people broadcast by the Spanish and Portuguese second public channels: La 2 and RTP2. *Communication & Society*, 2, Vol. XXV, 375-410. Consultado a 23 de novembro de 2020. Disponível em: <https://revistas.unav.edu/index.php/communication-and-society/article/view/36173/30697>
- Sena, N. M. de. (2009). A evolução da grelha programática pré- e pós-Telejornal (1959-2009). *Comunicação E Sociedade*, 15, 127-147. [https://doi.org/10.17231/comsoc.15\(2009\).1048](https://doi.org/10.17231/comsoc.15(2009).1048)
- Sousa, H. & Santos, L.A. (2003). RTP e serviço público: um percurso de inultrapassável dependência e contradição. In Pinto, M. (Coord.). *Televisão e cidadania: contributos para o debate sobre o serviço público*, 61-80. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/1002>
- Sousa, H. & Pinto, M. (2004). *The Economics of Public Service Television and the Citizenship Rhetoric*. [Online]. Consultado a 10 de outubro de 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/1003>
- Teves, Vasco (2007). RTP, 50 anos de História. Disponível em: <https://museu.rtp.pt/livro/50Anos/Livro/DecadaDe50/default.htm>
- Torres, E.C. (2011). *A televisão e o serviço público*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Traquina, N. (1997). *Big Show Media – viagem pelo mundo do audiovisual português*. Lisboa: Editorial Notícias.

Outras fontes

- Jornal Público: <https://www.publico.pt/2003/07/09/portugal/noticia/rtp2-acaba-com-programas-de-informacao-1156359>
- Jornal Público: <https://www.publico.pt/2003/07/26/portugal/noticia/programa-acontece-vai-mesmo-desaparecer-da-rtp2-1158796>
- Relatório e Contas da RTP, de 1967 a 2002.
- Relatório “Novas Opções para o Audiovisual”, Presidência do Conselho de Ministros, 2002.
- RTP Arquivos:
<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/a-nova-europa/>
<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/paulo-varela-gomes-e-abel-barros-batista/>
<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/o-jardim-botanico-da-universidade-de-lisboa/>
- RTP Play:
<https://www.rtp.pt/play/p94/eurodeputados>